

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 65-8

Título: "A VINGANÇA DA ÁGUA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): ALVES, A. TEIXEIRA

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	DA LUCIANO
	VIA ENFERMEIRA
	RUI SANTOS
	ISABEL
	ARTUR
	EDUARDO

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Alves

(V.S.F.F.)



Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

A VINGANÇA DA ÁGUA

ORIGINAL RADIOFÔNICO

DA AUTORIA DE A. TEIXEIRA ALVES

PERSONAGENS:

DR. LUCIANO.....

UMA ENFERMEIRA.....

RUI SANTOS.....

ISABEL.....

ARTUR.....

EDUARDO.....

original

A VINGANÇA DA ÁGUA

O que a seguir se apresenta, por mais rocambolesco que pareça, é
baseado num caso real

M U S I C A

(RUÍDO-PANCADAS DE QUEM BATE A UMA PORTA)

DR. LUCIANO - Entre!

(RUÍDO-PORTA QUE SE ABRE)

UMA EMPREGADA - Com licença. (PASSOS-APROXIMAÇÃO) Ó senhor doutor,
está ali um cavalheiro que deseja falar-lhe. En-
tregou este cartão.

DR. LUCIANO - Dê cá... Muito bem. Diga a esse senhor que entre.

(PASSOS-AFASTAMENTO)

EMPREGADA (Distância) - Faça favor de entrar.

RUI SANTOS (À distância) - Muito obrigado. (PASSOS-APROXIMAÇÃO)

Dá licença, senhor doutor?

DR. LUCIANO - Com certeza, faz favor.

RUI SANTOS - Muito boa tarde.

DR. LUCIANO - Boa tarde. Queira sentar-se. (ARRASTAR DE CADEIRAS)

Então o senhor é...

RUI - Rui Santos. Às suas ordens, senhor doutor.

DR. LUCIANO - Às minhas ordens? (RINDO) Parece que eu é que vou
ficar às suas. Não é assim? (RIEM AMBOS).

- RUI SANTOS - Sim... neste caso especial, realmente é...
- DR. LUCIANO - Mas tenho muito prazer nisso. Aliás, se assim não fosse não lhe concedia esta entrevista.
- RUI - Espero não vir incomodar demasiado, senhor doutor,
- DR. - Não. (RI) Estou às suas ordens.
- RUI - Muito obrigado.
- DR. - Ora, segundo depreendi da nossa breve conversa telefónica, o senhor deseja que lhe conte um caso, uma história.
- RUI - Exactamente, senhor doutor.
- DR. - Mas por que se lembrou de mim?
- RUI - Muito simples. Pela vida profissional dos médicos passam muitos casos humanos dignos de citação. E como pretendo fazer uma recolha de casos, de histórias, lembrei-me do senhor doutor, que, de resto, já conhecia de nome.
- DR. - Uma recolha para quê?
- RUI - Para publicar um livro.
- DR. - Bem... Um caso relacionado com a minha vida profissional não lhe contarei... digamos que é uma questão de... sigilo.
- RUI - Mas, senhor doutor, então... nesse caso, não pode...
- DR. - Um momento. Se acedi em recebê-lo, é porque tenho realmente uma história para lhe contar. Suponho que é verdadeira. Tomei contacto com ela por intermédio do seu protagonista, mas não foi no exercício da minha profissão. Deste caso só posso garantir-lhe o final, cuja autenticidade testemunhei.
- RUI - Ah! Então já tenho material.
- DR. - Julgo que sim.

- RUI SANTOS - Escuto-o, senhor doutor.
- DR. LUCIANO - Muito bem... O caso que vou contar-lhe tem um sabor a ficção, a fantasia, e talvez por isso lho conto. E é também bastante dramático e ao mesmo tempo sublime.
- RUI - Então é dramaticamente sublime, senhor doutor.
- DR. - Ora aí está uma frase que se adapta perfeitamente à circunstância... Bom, mas é tempo de começar...
Estávamos em 1975, Janeiro ou Fevereiro. Não me lembro bem.
- RUI - Não será necessária muita precisão nesse aspecto, senhor doutor.
- DR. - Talvez, talvez não... Pois um dia de Inverno ao escurecer regressava eu do hospital, depois de um extenuante dia de trabalho, quando, já na rua onde residia e a cerca de cinquenta metros da minha casa, reparei num vulto em posição estranha. Pareceu-me ser um homem. Ao passar perto verifiquei ser exacta a minha impressão inicial. Parei o carro à porta de casa e, apesar de choviscar, acerquei-me do homem. O indivíduo, sentado na soleira duma porta, estava dobrado para a frente. Perguntei-lhe duas ou três vezes se precisava de alguma coisa. Não me respondeu.
- RUI - Estava talvez desmaiado?
- DR. - Não. Naquela posição, se estivesse desmaiado, teria caído para a frente... Depois notei que o homem gemia e soluçava. Peguei-lhe num braço. Não ofereceu resistência. Levantei-o e fomos até minha casa. Somente alguns minutos depois consegui ver-lhe bem o rosto.
- RUI - Mas, senhor doutor, o indivíduo deixou-se conduzir sem dizer nada?

ARTUR (Calmo) - Estou farto de discutir contigo, mulher. Farto de discussões estéreis...

ISABEL (Tom anterior) - Estéreis? Lá vens tu com alusões à minha infelicidade, à minha...

ARTUR (Corta, ainda calmo) - Ó mulher, por favor, nem sequer em tal pensei.

ISABEL (Mesmo tom) - Nem sequer em tal pensaste? Deixa-me rir! Tu só pensas em ofender-me com essa palavra.

ARTUR - Qual palavra, Isabel?

ISABEL (Ironia) - Claro, agora fazes-te desentendido. (AINDA MAIS IRRITANTE) Mas eu entendi perfeitamente o que querias dizer...

ARTUR (Tenta não perder a calma) - Por favor, Isabel!

ISABEL - Por favor, nada! A história da minha esterilidade parece que te diverte...

ARTUR - Meu Deus! Que dizes tu?

ISABEL - Sim, diverte. Se não divertisse nem lembrarias esse facto.

ARTUR - Mas eu não falei em nada.

ISABEL - Não falaste. Estás sempre a falar nisso.

ARTUR (Explodindo) - É mentira! Se agora mencionei a palavra estéril foi em relação às nossas discussões estéreis, idiotas...

ISABEL - Idiota? Agora chamas-me idiota! Sim, fui idiota quando casei contigo.

ARTUR (Forte) - Como? Mas isto é demais!

ISABEL - Queres bater-me?

ARTUR (A calma desapareceu) - Bater-te? Estás doida, ou quê?

ISABEL - Estéril, idiota, doida... Não me queres chamar mais nada?

ARTUR (Violento) - Basta, mulher, basta! Até logo. (PASSOS-AFASTA -
MENTO)

ISABEL - Vai, vai para as tuas politiquices!

(RUIDO-PORTA QUE BATE COM ESTRONDO)

M Ú S I C A

RUI SANTOS - Que queria ela dizer, senhor doutor?

DR. LUCIANO - Bem, as quezílias eram frequentes e a esposa arranjava sempre um pretexto para ofender o marido. Possuía um carácter impossível, segundo ele dizia..A ausência de um filho no casal seria o rastilho para as contínuas discussões. A mulher, parecendo sádica, atingia, por vezes, a crueldade com as suas palavras, ferindo constantemente o Artur - assim se chamava o nosso homem.

RUI - Seria, realmente, o fracasso da maternidade que levava a mulher a tais excessos?

DR. - Talvez. Mas julgo que a actividade política do Artur era também problema para a mulher. É que um dia ela surpreendera uma conversa entre o marido e um amigo da casa que ela suspeitava ser militante de um partido político.

RUI - Ah!

DR. - Partido que, naquele tempo, estava na clandestinidade. A conversa entre os dois amigos foi, com certeza, muito reveladora, pois a partir desse momento ela ficou convencida de que o marido era também militante do mesmo partido. E vivia aterrada. Por isso, de vez em quando, ela referia-se a isso quando as discussões atingiam o rubro.

- RUI SANTOS - Mas ele era na verdade militante de algum partido?
- DR. LUCIANO - Não sei o que lhe diga, meu amigo. O que sei é que a esterilidade complexou de tal modo a mulher que transformou o marido num bode espiatório.
- RUI SANTOS - Num bode espiatório?
- DR. - Sim. E foi um erro da parte dela. Tanto massacrou o homem que ele um dia architectou uma diabólica artimanha.
- RUI - Contra a esposa?
- DR. - Bem... Não. Contra ele próprio, no fim de contas.
- RUI - Mas, como?
- DR. - Após uma discussão, a última discussão com a mulher, o Artur saiu exasperado de casa. Deambulou longo tempo pelas ruas, entregue aos seus pensamentos. Até que, de repente, se encontrou num local junto ao mar.

M Ú S I C A

(RUÍDO DAS ÁGUAS)

- ARTUR (Só) - Que hei-de fazer? Que hei -de fazer para acabar com este meu inferno?... Quatro anos de inferno! Para que casei tão cedo?... Ó mar! Tu, tu podias acabar ou resolver este meu problema, podias... Espera!... E por que não?... É isso!... Faço desaparecer de casa todas as fotografias de data recente, para impedir uma futura publicação na Imprensa, deixo tudo e parto!... A Isabel não terá problemas materiais. Os meus bens e os dela farão com que viva sem preocupações até ao fim da sua vida...

M Ú S I C A

RUI SANTOS - Que fez ele?

DR. LUCIANO - Uma coisa simples. Maquiavelicamente simples... Nessa mesma noite, dirigiu-se até perto da água e despiu o casaco, cujos bolsos continham, além de uma carta dirigida à esposa, elementos suficientes para a identificação do dono, mas sem fotografias, e... abandonou-o junto à água.

RUI - Como? Não entendo bem, senhor doutor! Ele deixou o casaco para...

DR. - Um momento! Já vai entender... Após ter abandonado o casaco, tomou o comboio para longe, para outra cidade.

RUI - Ah! Uma morte forjada?

DR. - Precisamente!... O espectro da segunda[?] Guerra Mundial, que ainda não estava afastado de todo, e por isso preocupava as pessoas, deve ter facilitado aquela fingida morte.

RUI - A vida familiar dele devia ser um inferno para tomar tal atitude.

DR. - Parece que sim... A verdade é que aquela espécie de evasão resultou... Ora, como ele possuía magníficas habilitações, conseguiu empregar-se na sua nova terra, passando a levar uma vida igual a tantos outros, sem família, que vivem nas grandes cidades.

RUI - Mas ele radicou-se definitivamente por lá?

DR. - Sim e não... Os anos que se seguiram foram de amargura. Ele, junto da mulher, sentia-se mal, angustiado, mas depois da fuga, a angústia passou a ser de outra espécie.

- RUI SANTOS - Remorsos, talvez.
- DR. LUCIANO - Bem... Segundo me confessou, era a solidão a causa do seu mal-estar.
- RUI - A solidão é um motivo poderoso. Mas se tinha horror a ela por que fugiu?
- DR. - Meu caro senhor, a vida, não poucas vezes, prega-nos violentas partidas. Fugimos de um mal, ou julgamos fugir, e vamos cair noutra mil vezes pior.
- RUI - Estou absolutamente de acordo, senhor doutor. Mas queira continuar.
- DR. - Passou muito tempo... E, trinta ou trinta e um anos depois, o Artur atreve-se a regressar ao velho burgo.
- RUI - Voltou à cidade onde vivia a mulher?
- DR. - Isso mesmo... Passeia pelas ruas. Era uma romagem de saudade. Um homem que sofreu e não esquece, sente ir-resistível tentação de voltar ao ponto de partida. E o Artur voltou.
- RUI - E qual a intenção dele?
- DR. - Não cheguei a saber... Mas posso contar-lhe o resto da história.
- RUI - Queira desculpar eu fazer tantas perguntas, senhor doutor, mas estou aqui a funcionar como um repórter. Espero que me desculpe.
- DR. - Não tem nada que pedir desculpa. E pergunte sempre que achar oportuno.
- RUI - Obrigado.
- DR. - Ora, o homem vagueava pela cidade havia muito tempo. De súbito, incutiu-se-lhe no espírito uma ideia: visitar o local onde outrora vivera.
- RUI - Mas era uma temeridade, se acaso não desejava ser reconhecido.

DR. LUCIANO - Foi o que ele pensou, de início. Mas a curiosidade arrastava-o e não pôde resistir à inexorável atracção desse lugar.

RUI SANTOS - E foi?

DR. - Escondido atrás das barbas e bigodes que descuidadamente deixara crescer e das vastas cãs que lhe emolduravam a cabeça e fiado ainda nos anos que tinham decorrido, acabou por ir. Acabou por ir e teve um perturbante encontro com o passado.

M U S I C A

(RUÍDO-MOVIMENTO CIDADINO)

--- PASSOS-ANDAMENTO---

ARTUR (Só) Atenção à possível mudança de voz em relação a Artur, 30 anos antes) - Cá está! É esta rua!... Quase na mesma!... Alguns prédios novos... A mesma pastelaria! Como eu gostava de bolos na minha infância!... Eis a minha velha casa! Rachada ainda igual... Quem morará ali agora?... Olha, um novo café!... Por que não entrar?... (MUDANÇA DE AMBIENTE. PASSA A AMBIENTE DE CAFÉ) Afinal, é o estabelecimento dos velhos tempos. Alteraram quase só o exterior... (RUÍDO-ARRASTAR DE CADEIRA) Bons momentos aqui passei... Quem será aquele indivíduo que me olha com insistência? Ter-me-ia reconhecido? Julgo estar bastante mudado, mas nunca se sabe... Avança para mim... Oh! Meu Deus! mas é o Eduardo!... Parou. Está indeciso, claro. E se eu saísse?... Já não há tempo. Ele aí vem!

EDUARDO - Até que enfim, vòltaste!

ARTUR - Como? Que disse o senhor?

EDUARDO - Senhor!?!... Oh! Queira perdoar, mas pareceu-me outra pessoa que, de resto, já morreu.

ARTUR - Então, se morreu...

EDUARDO - Bem, o senhor compreende... semelhanças que confundem as pessoas. Desculpe-me, sim?

ARTUR - Com certeza.

EDUARDO - Às vezes acontece surgir-nos pela frente uma pessoa muito parecida com alguém das nossas relações e confundimos.

ARTUR - Ah! Compreendo, compreendo.

EDUARDO - Afinal, essa pessoa já morreu... Mas sabe o senhor, a morte dele - um amigo meu, talvez o maior - foi um grande choque para mim. Não só pela morte em si, mas porque o Artur - ele chamava-se Artur - resolveu afogar-se deliberadamente.

ARTUR - Ah!

EDUARDO - Fugir assim da vida, eis uma coisa que eu o julgava incapaz de fazer. Fiquei imensamente chocado. E sabe o senhor por quê?

ARTUR - ... Não, não faço ideia.

EDUARDO - Porque tanto debatemos esse assunto, em que o Artur afirmava, categoricamente, que nunca ~~se~~ tentaria contra a vida, fossem quais fossem as circunstâncias em que se encontrasse, que eu acreditei nele.

ARTUR - Esqueceu-se... desse pormenor, com toda a certeza.

EDUARDO - Claro, claro. Espero que me perdõe. Desculpe esta confusão.

ARTUR - Ora essa. Não tem importância. Há dias em que acontecem coisas curiosas como esta.

EDUARDO - Diz bem. Às vezes acontecem coisas curiosas, estranhamente curiosas. E o que aconteceu à mulher desse meu amigo também é bastante curioso, extraordinário... Mas naturalmente estou a maçar-lo...

ARTUR (Rápido) - Não, de maneira nenhuma... Tenho de esperar ainda bastante tempo por... pelo comboio e será agradável conversar com alguém enquanto ele não chega.

EDUARDO - Sendo assim...

ARTUR - Mas faça o favor de sentar-se. (ARRASTAR DE CADEIRA)

EDUARDO - Muito Obrigado. Já não sei bem onde ia...

ARTUR - Falava na tal coisa que sucedeu à esposa do seu amigo.

EDUARDO - Ah! sim, já me lembro!... Pois quando o Artur morreu, e ao contrário do que ele afirmava a cada passo, a mulher principiou a dar provas de grande dedicação. Ele dizia-me que ela não o amava. Mas não era verdade. Porque após o seu afogamento, a esposa organizou uma verdadeira bateria de mergulhadores, para tentarem arrancar o corpo às águas.

~~██████████~~

ARTUR - E conseguiram-no?

EDUARDO - ... Não. As tentativas foram inúteis. O corpo não mais foi encontrado. As buscas, que duraram uma semana, originaram grande dispêndio material e moral à viúva, ela envelheceu dez anos em sete dias.

ARTUR - É impressionante!

EDUARDO - Mais impressionante ainda foi o que a seguir aconteceu... A Isabel - é esse o nome da mulher do meu pobre amigo - deliberou, como que em penitência, nunca mais sair à rua, passando a viver com a mãe, que morreu alguns anos depois. E isto durante cerca de trinta e um anos...

ARTUR (Como quem se queixa de uma dor) - Ai!

EDUARDO - O que tem, senhor? Sente-se mal?

ARTUR - ... Não... é... uma ligeira indisposição... Acontece-me de quando em quando. Não se incomode... Isto passa!

EDUARDO - Julguei que tinha sido por causa da minha história.

ARTUR - Não... queira continuar... Então como terminou o drama dessa senhora?

EDUARDO - Como terminou? Mas ainda não terminou! A Isabel vive e ainda mora na sua voluntária prisão. Deve sentir-se muito culpada para...

ARTUR (Rápido) - Culpada?!

EDUARDO - Sim. Parece que o marido lhe deixou uma carta, talvez culpando-a do acto que praticou...

ARTUR (Não se contendo) - Mas isso não é verdade!... Desculpe, mas tenho de me retirar... (RUÍDO-ARRASTAR DE CADEIRAS) está quase na hora do... do comboio. Desculpe. Boa tarde. (PASSOS-AFASTAMENTO).

EDUARDO - Boa tarde.

M Ú S I C A

RUI SANTOS - O Artur saiu intempestivamente do café porque se ia desmascarando perante o amigo? Ou foi por outra razão?

DR. LUCIANO - O pobre homem confessou-me que ficara aturdido com tantas revelações e, no momento em que o velho amigo lhe falou na carta, ficou magoado. É que nessa missão ele não acusava ninguém. Lutara contra todos os seus familiares para casar com Isabel, portanto, era o único culpado. Não tinha, por isso, o direito de condenar fosse quem fosse... Quando o Eduardo lhe falou na carta perdeu a calma e...

- RUI SANTOS - Desmascarou-se diante do amigo!
- DR. LUCIANO - Isso não estava em causa, porque o Artur ficou con-
vencido que o velho camarada o reconheceria logo que
ele entrou no café.
- RUI - Então...
- DR. - Então... saiu do café, dirigiu-se para a casa de
Isabel e bateu à porta.
- RUI - Como?! Bateu?
- DR. - Bateu, mas quase imediatamente se afastou da sua
velha casa.
- RUI - Ah! Compreendo.
- DR. - Depois, cansado de muito andar, sentara-se no local
onde o encontrei, perto da minha residência.
- RUI - Foi o fim, senhor doutor?
- DR. - Quase. O fim sempre me deu que pensar. Quando o re-
cordo mais se me afigura inverosímil. Mas como tive
contacto directo com esse final não posso duvidar.
- RUI - É um remate assim tão difícil de acreditar, senhor
doutor?
- DR. - Talvez. Senão queira ouvir... Quando o nosso homem
chegou ao momento de narrar o diálogo que tivera com
o Eduardo, começou a ficar perturbado, talvez como -
vido, e no fim pediu-me, inesperadamente, um copo de
água. Perguntei-lhe se estava bem. Que sim. Apenas
desejava beber água. Eu próprio fui buscá-la. Ao re-
gressar, pouco depois, o homem tinha desaparecido.
- RUI - Desaparecido?
- DR. - Sim. O nosso diálogo decorrera numa sala próxima da
porta da rua e ele aproveitou os momentos da minha
ausência para sair ou fugir.

- RUI SANTOS - Estranha atitude!
- DR. LUCIANO - Sem dúvida. No entanto, deduzi que o Artur não desejava entrar em mais pormenores e resolveu esgueirar-se. Ainda pensei ir no seu encalço, mas o tempo, que já tinha mau cariz quando eu chegara a casa, tornou-se bastante agressivo e chovia com intensidade. Mesmo assim abri a porta, mas já não vi o homem. Paciência. Afinal, fora ele quem deliberara sair.
- RUI - Evidentemente. E foi a última vez que o viu, senhor doutor?
- DR. - Assim pensei... Anoite passou... (PAUSA-INDECISÃO).
- RUI - Parece que as recordações lhe estão a falhar, não, senhor doutor?
- DR. - Não, não é isso... É que julgo ^{que} talvez tenha interesse responder a uma pergunta que me fez.
- RUI - Qual pergunta, senhor doutor?
- DR. - Perguntou-me se o Artur era militante de algum partido político, não perguntou?
- RUI - Perguntei, sim.
- DR. - Pois bem. Na altura hesitei, mas agora digo-lhe. Penso que será útil fazer-lhe esta revelação... Efectivamente, o Artur era elemento activo de um partido.
- RUI - Eu suspeitava isso mesmo, senhor doutor.
- DR. - E foi, talvez, por ser militante que o Artur resolveu engendrar o estratagema da morte por afogamento.
- RUI - Mas, senhor doutor, a iniciativa partiu dele?
- DR. - Exclusivamente dele. Aliás, o Artur teve o cuidado de frisar bem esse pormenor: ninguém mais teve responsabilidade nessa acção. Só ele! Repetiu-mo várias vezes.

- RUI SANTOS - Esse homem fez um autêntico sacrifício.
- DR. LUCIANO - Altruísmo, meu amigo. Deve chamar-lhe altruísmo, amor a uma causa e à família. De qualquer modo, e desculpe o tom demagógico, só entendo um militante a sério quando faz sacrifícios a sério.
- RUI - De acordo, senhor doutor... Mas ele ao fugir...
- DR. - Sim, ele, aparentemente, fugiu às responsabilidades familiares, mas ao fugir quis salvaguardar e salvaguardou a família e o partido em que estava integrado.
- RUI - Compreendo.
- DR. - É evidente, não é verdade? Se ele fosse descoberto iria colocar os familiares e a mulher, que ele amava, em situação extremamente difícil. E, dado o temperamento exaltado da esposa, não sabia o que poderia suceder em qualquer momento.
- RUI - Ele teve, realmente, uma extraordinária atitude.
- DR. - Magnífica! Magnífica atitude, meu caro. Magnífica!
- RUI - Já agora, outra pergunta, senhor doutor. Se me dá licença.
- DR. - Com certeza, faz favor.
- RUI - Ele continuou a ser militante na outra cidade, após a morte fictícia?
- DR. - Isso, com toda a sinceridade, não sei. Não consegui saber.
- RUI - Não insisto, senhor doutor. Mas desejava saber se, realmente, voltou a encontrar o homem.
- DR. - Sim, voltei... Como ia a dizer-lhe, depois do desaparecimento do Artur, deitei-me. A noite passou... Ao chegar de manhã ao hospital tomei conhecimento de um óbito não muito vulgar sucedido a um arquitecto.

Fui ver o corpo, justamente, por essa invulgaridade. Fiquei surpreso, atônito: Era o Artur quem ali estava estendido, sem vida.

RUI SANTOS - O mesmo Artur do caso que me está a contar?

DR. - O mesmo.

RUI - Então ele era architecto?

DR. - É verdade. Soube-o só ali no hospital... Fiquei longos momentos diante do corpo. Eu também não queria acreditar, especialmente pela natureza do acidente que o vitimou.

RUI - Ah! sim, o senhor doutor falou num óbito invulgar.

DR. - Com efeito, eu disse que era pouco vulgar. Mas ao verificar quem fora a vítima, essa invulgaridade duplicou e transformou-se em extraordinária, inacreditável, para mim, que conhecia o drama daquele homem.

RUI - Queira perdoar, mas aumenta a minha curiosidade, senhor doutor... Afinal, como morreu o homem?

DR. - Desculpe, ia deixar-me arrastar por divagações... O homem havia morrido afogado numa poça de água de dez centímetros de altura.

RUI - Como, senhor doutor? Afogado numa poça de água de dez centímetros de altura?!

DR. - Justamente. A conclusão médica foi esta: o homem terá escorregado na rua - chovia imenso nessa noite, não nos esqueçamos. Escorregou, caiu de borco numa poça de água e perdeu os sentidos. E, como não teve socorro imediato, terá sucumbido em poucos minutos. Digamos que morreu por asfixie. A boca ficara abaixo da superfície da pequena poça de água e, nessas circunstâncias, é inevitável o afogamento.

Escassos cinco minutos ditarão o fim de qualquer ser humano.

RUI SANTOS - É estranho, senhor doutor. Parece que houve uma espécie de vingança da água.

DR.LUCIANO - Vingança da água? Curiosa expressão! Olhe, eu daria a esta história, precisamente, esse título: A VINGANÇA DA ÁGUA. -----

F I M